

ENTRE A NATUREZA E A EMOÇÃO, PROBLEMAS COM AS LÁGRIMAS EM FILOSOFIA

JOSÉ FRANCISCO MEIRINHOS*

Resumo: *As lágrimas e o choro ocupam uma posição ora central ora instrumental em diversas formas de representação, como a literatura, a pintura, o cinema, ou a política. Até mesmo a filosofia lhes deu alguma atenção. Neste estudo percorrem-se alguns autores antigos (parte 1), medievais e medievais tardios (parte 2), ou mesmo alguns modernos (parte 3), que das lágrimas e do choro fizeram tema de reflexão. Não há uma declinação unitária nestas reflexões ora sentimentais ora depreciativas sobre as lágrimas e o chorar, mas podem revelar-nos algo da tendência para acolher no discurso filosófico ou científico preconceitos culturais, estereótipos sociais, ou mesmo as mais íntimas aspirações pessoais, mas também para as pensar como a experiência que por excelência revela o humano na sua condição de fragilidade.*

Palavras-chave: *lágrimas; choro; emoções; filosofia da natureza; antropologia filosófica.*

Abstract: *Tears and weeping occupy a position that is either central or instrumental in various forms of representation, such as literature, painting, cinema or politics. Even philosophy gave them some attention. This study looks at some ancient (part 1), medieval and late medieval (part 2), or even some modern (part 3) authors who made tears and weeping the subject of reflection. There is no unified declension in these reflections, sometimes sentimental, sometimes derogatory, on tears and weeping, but they may reveal something of the tendency to welcome in the philosophical or scientific discourse cultural prejudices, social stereotypes, or even the most intimate personal aspirations, but also to think of them as the experience that par excellence reveals the human being in his condition of fragility.*

Keywords: *tears; weeping; emotions; philosophy of nature; philosophical anthropology.*

Como na vida, há lágrimas em abundância nas diferentes formas de representação, em literatura¹, na pintura², no cinema³, ou na política⁴. Algumas correm também pela filosofia. Em Aristóteles, Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, William James, Kierkegaard, Bataille, Cioran, Derrida, seguramente em muitos outros,

* Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. Email: meirinhos@letras.up.pt.

¹ VINCENT-BUFFAULT, 1986 analisa os lugares das lágrimas na literatura dos séculos XVIII-XIX, época de lágrima fácil nos romances, medicina, crónica judiciária, diários íntimos, onde se percebem todas as formas e usos da lágrima. Mais sobre lágrimas na literatura em BAYNE, 1981; KAPLAN, 1987; LANGE, 1996.

² HUDSON, 2019: 31-53; ELKINS, 2004.

³ A filosofia tem mostrado algum interesse pelas lágrimas enquanto *performance*. CAVELL, 1996 oferece o contraponto e a continuação ao seu anterior livro (CAVELL, 1981), com uma análise das aspirações e da inacessibilidade da mulher nas comédias românticas dos anos 30 e 40. Slavoj Žižek, em reação à «pós-teoria», toma as lágrimas, de glicerina e não reais, como ângulo de interpretação da obra do cineasta polaco Krzysztof Kieslowski na passagem do documentário para o cinema, das lágrimas reais para lágrimas de ficção; cf. ŽIŽEK, 2001. *As lágrimas amargas de Petra von Kant*/*Die bitteren Tränen der Petra von Kant* é uma peça de teatro de Rainer Werner Fassbinder (trad. de Yvette K. Centeno, Cotovia, Lisboa, 2015), de 1972, que dela fez um filme no mesmo ano, sobre paixões excessivas e abusos dominadores (Filmverlag der Autoren – Tango Film, 1972).

⁴ Para evitar a ficção ou a crónica política recente, vejamos BROOMHALL, 2019: 55-72; ou trabalhos sobre a política recente no Reino Unido: DIXON, 2015a, 2015b.

encontramos discussões de vária índole relacionadas com as lágrimas, suscitadas pela sua força vital, emocional, evocativa ou simbólica. Entre a multiplicidade de afeições ou paixões da alma que suscitam lágrimas, as explicações da sua composição, os preconceitos que as mascaram, ou as aspirações que as sublimam, os filósofos nunca parecem tomar as lágrimas como um tema central de reflexão. Mesmo assim, manifestam pelas lágrimas a curiosidade suficiente para aqui e ali verterem reflexões, ora críticas sobre explicações a abandonar, ora compungidas sobre experiências pessoais, ora simplesmente maravilhadas com esta experiência psicossomática, tão exterior quanto íntima, mas sempre inapropriável em toda a extensão da diversidade das suas razões. As lágrimas escapam sempre à filosofia. Três épocas e um par ou dois de autores em cada uma delas ajudar-nos-ão a percorrer diferentes hipóteses de integração das lágrimas na compreensão do humano.

1. ANTIGOS

Animal imperfeito no qual demoram a manifestar-se os aspetos físicos que o distinguem, o homem é um animal que «pela sua natureza espontaneamente não tem senão o chorar»⁵. Esta reflexão de Plínio, o Velho, (23-79) toma o choro do nascimento como o que é espontaneamente humano e que com inferioridade o distingue de qualquer outro animal. Nesse choro do nascimento não são as lágrimas que sobressaem, mas sim uma característica estritamente natural da animalidade humana, a primeira a manifestar-se (antes do falar, do andar, ou do comer) que sublinha que pela sua natureza o humano nascituro nada tem que por si só lhe garanta a sobrevivência. A natureza apenas o orna com o choro, que Plínio dá como um símbolo de incompletude, sem aqui se interessar por o compreender⁶.

Aquela mesma frase de Plínio sobre a naturalidade humana do choro é a última das autoridades clássicas que o padre António Vieira (1608-1697) evoca no seu discurso em prol das *Lágrimas de Heraclito* no debate que em Roma o opôs ao padre Girolamo Cattaneo para decidir «Qual fusse più ragionevole, se il riso di Democrito, che tutto scherniva, o il pianto di Eraclito, che di tutto piangeva»⁷. Mais que a elogiar a gravidade, o saber ou as lágrimas de Heraclito, Vieira, recorrendo sobretudo a autoridades literárias clássicas, dedica-se a desconstruir o riso de Demócrito, aproximado mais de um penoso choro ou da insana loucura que de

⁵ «Non aliud naturae sponte quam flere»; Plínio, *Historia naturalis*: VII, 4.

⁶ «hominem nihil scire, nihil sine doctrina, non fari, non ingredi, non vesci, breviterque non aliud naturae sponte quam flere! Itaque multi extitere qui non nasci optimum censerent aut quam ocissime aboleri/o homem [ao contrário dos animais] nada sabe fazer, nada [sabe] sem ser ensinado, nem falar, nem andar, nem comer, numa palavra, pela sua natureza espontaneamente não tem senão o chorar. Por isso muitos pensaram que era melhor não terem nascido, ou morrer mais depressa»; Plínio, *Historia naturalis*: VII, 4.

⁷ VIEIRA, 2001.

uma viva alegria. O qualificativo de «filósofo chorão»⁸ acompanha Heraclito desde a Antiguidade, nesta velha anedota das origens da filosofia que opõe um lacrimoso misantropo a um histriónico gregário. Contudo, o choro e as lágrimas nunca parecem ter constituído um grande motivo de questionamento filosófico, onde encontramos sobretudo a tentativa de compreensão da natureza das lágrimas (e do choro), algum interesse pelas suas causas comportamentais, e também pelo seu significado enquanto manifestação de algum sentimento.

A taxonomia das lágrimas é um problema difícil, que alguns afrontaram por partes, mas sem exaustividade, como se a liquefação impedisse qualquer classificação definitiva. A tipologia depende sempre do ponto em discussão e onde se quer chegar. Diz Vieira no discurso mencionado:

*Varie sono le maniere di piangere: si piange con lagrime, si piange senza lagrime e si piange com riso ancora. Il piangere con lagrime è segno d'un dolor moderato, il piangere senza lagrime di dolore più intenso, il piangere com riso d'un sommo dolore ed eccessivo*⁹.

Na restrita classificação vieiriana das modalidades de choro, a presença das lágrimas é um simples ornato da moderada dor sentida por Heraclito perante o devir do mundo, porque quer sublinhar o riso nervoso e doído de Demócrito perante as convulsivas oposições com que os elementos fazem e desfazem os mundos.

No IX livro da *História dos animais*, Aristóteles (384-322 a. E. C.) analisa o carácter dos animais, em particular a amizade e a inimizade nas e entre as diferentes espécies. Enquanto «animal onde a natureza encontra o seu mais elevado grau de realização»¹⁰, o homem constitui o modelo de observação, pois os traços de carácter são nele mais manifestos. Numa primeira aproximação, Aristóteles dicotomiza os géneros numa caracterologia onde as lágrimas são justamente o primeiro traço distintivo da mulher:

a mulher manifesta mais a compaixão que o homem e mais facilmente é movida às lágrimas, também é mais ciumenta, mais lamuriosa, mais dada a gritos e a golpear. A fêmea também é mais inclinada ao desencorajamento e ao desespero que

⁸ KIRK, RAVEN, SCHOFIELD, 2013: 189. A história parece dever-se a uma deturpação humorística do seu dito de que as coisas fluem como rios (Platão, *Crátilo*: 440C) ou a Teofrasto que lhe atribui um carácter afetado pela *melagkollia* (Diógenes Laércio, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*: IX.6) mas que de facto pretende referir a sua impulsividade (cf. Aristóteles, *Ética a Nicómaco*: H.8, 1150b25). Séneca em passagem citada também por Vieira (cf. p. 120, onde tira conclusão diferente da de Séneca) evoca a anedota para incitar a suportar de bom humor tudo o que acontece, imitando mais Demócrito que Heraclito («quando apareciam em público, este chorava, aquele ria; este apenas via miséria em tudo o que fazemos, aquele disparate»); Séneca, *De tranquillitate animi*: XV.2, in SÉNÈQUE, 1970: 101.

⁹ VIEIRA, 2001: 112.

¹⁰ Aristóteles, *História dos animais*: 608b7-8.

*o macho, é mais destituída de vergonha, mais falsa de discurso, mais mentirosa, mais enganadora e com mais memória, também dorme menos e é mais tímida e, de maneira geral, é mais indecisa e precisa de menos alimento*¹¹.

A lágrima fácil da mulher¹² vai a par de todos os outros aspetos de carácter negativo em que, para Aristóteles, a mulher excede o homem. Esta breve passagem não tem outros desenvolvimentos, nem uma fundamentação etológica ou cultural nesta obra ou em qualquer outra de Aristóteles. Nem mesmo quando, na mesma obra, descreverá os olhos ou as pálpebras volta a falar das lágrimas¹³, que são apenas referidas em escassas passagens dos *Meteorológicos* e dos *Problemas naturais* (considerados apócrifos)¹⁴ para exemplificar um ou outro aspeto da sua formação, ou que são estimuladas em certas situações e causadas por vegetais como a cebola. Nem mesmo o seu discípulo Teofrasto, nos *Caracteres*, que estão em linha com situações comportamentais como as do excerto transcrito, oferece qualquer razão ou caso com lágrimas.

Na cultura ou na literatura gregas, as lágrimas estão longe de ser uma expressão estritamente feminina¹⁵. Os heróis da *Iliada* e da *Odisseia* choram em diversas situações, familiares ou de guerra¹⁶. Em grego, «choro» e «lágrimas» têm a mesma raiz etimológica: *chorar* dakróu, dakrurroeu, *fazer chorar* katadokróu; *lágrima* dakru, -uos, dákrulon, -ou, razão pela qual o jogo de palavras e expressões relacionado com as lágrimas é muito rico¹⁷.

Na *Iliada*¹⁸, o sangue de corpos decepados talvez só tenha equivalente nas lágrimas que jorram em profusão. Chora Aquiles quando lhe arrebatam Briseida¹⁹, ou soluça quando fala com sua mãe, a deusa Tétis²⁰; Antíloco «derrama lágrimas»

¹¹ Aristóteles, *História dos animais*: 608b9-15.

¹² Para uma reavaliação desta ideia, cf. SUTER, 2009: 59-84, que analisa sobretudo o teatro trágico ático para concluir que na literatura grega o verter de lágrimas nada ou pouco tem a ver com o género.

¹³ Cf. Aristóteles, *História dos animais*: I, capp. 8-10, sobre a face e os olhos como partes do corpo dos animais.

¹⁴ É sobretudo nestas passagens dos *Problemata* que se apoia o contraponto de Aristóteles às posições de Platão sobre as lágrimas em BAUMGARTEN, 2009: 85-104.

¹⁵ Lágrimas gregas: para além do estudo citado na n. 8, cf. a introdução ao mesmo volume em FÖGEN, 2009b: 1-16; ALEXIOU, CAIRNS, eds., 2017.

¹⁶ MACKENZIE, 1978: 3-22; FÖLLINGER, 2009: 17-36.

¹⁷ Ver BAILLY, 2000: 427-428 com a diversa terminologia adaptada à fenomenologia das lágrimas: dákrū e dákrulon (lágrima); dakrúdion, -ou (pequena lágrima), dakrūma, -atos (lágrimas, choros); dakruógonos (que faz nascer as lágrimas); dakruóeis (pleno de lágrimas); dakruo-petes (que faz correr as lágrimas); dakruo-poiós (que faz chorar); dakruotimos (honrado pelas lágrimas); dakru-plóo (nadar em lágrimas); dakrurroéo-oó (fundir em lágrimas; destilar lágrimas); dakrurroia (fluxo de lágrimas); dakru-rroos (que funde em lágrimas); dakrusí-staktos (que saboreia as lágrimas); dakrutós (chorado, que faz chorar); dakru-xarés (que se compraz nas lágrimas); dakru-xéon (que verte lágrimas); dakrúo (molhar de lágrimas; verter lágrimas, chorar; destilar gotas); dakruodes (semelhante a lágrimas).

¹⁸ HOMERO, 2005.

¹⁹ Homero, *Iliada*: I, 348-355.

²⁰ Homero, *Iliada*: I, 36.

quando Aquiles recebe a notícia da morte de Pátroclo²¹, pelo qual o próprio herói verte as suas «quentes lágrimas»²². Também os Aqueus choram e soluçam por Pátroclo²³ e o mesmo fazem as carpideiras²⁴ ou os Mirmidões, depois de lavado e ungido o cadáver²⁵, sendo quase todas as evocações de Pátroclo acompanhadas por soluços, choro e lamentos daqueles que o recordam ou querem render-lhe homenagem. Agamémnon «derramando lágrimas como a fonte de água negra» fala aos Argivos contra os avanços dos troianos²⁶. Na *Iliada* e na *Odisseia*, como diz Maria Helena Ureña, «todos, reis e súbditos, gloriosos ou obscuros, pagam sem pudor o seu tributo às lágrimas»²⁷.

Se se recordasse da *Iliada*, Aristóteles poderia, sim, dizer que, mais que outros, os heróis são dados às lágrimas. Na *Odisseia*, as lágrimas também são próprias de mulheres, como testemunho de sentimentos nobres, como quando Penélope rompe em lágrimas ao reconhecer Ulisses²⁸, nele provocando também «o desejo de chorar» e com ela chorando mesmo, «abraçado à esposa amada, mulher sensata e fiel»²⁹. Quando escuta de um ainda encoberto Ulisses o astucioso relato em que ele mesmo com «muitas mentiras e verdades» conta como encontrara Ulisses e tudo o mais por que passou, Penélope desfaz-se em lágrimas, como neve que derrete, enquanto Ulisses oculta as suas:

*E ela, enquanto ouvia, vertia uma torrente de lágrimas,
a ponto de parecer que o próprio rosto se derretia.
Como a neve se derrete nas montanhas mais elevadas,
quando o Euro aquece o que o Zéfiro fez nevar,
Se a neve, ao derreter, faz aumentar o caudal dos rios —
assim se lhe derretiam as belas faces em torrente de lágrimas,
chorando pelo marido, que estava à sua frente.
Ulisses sentiu pena no coração da mulher que chorava;
mas nas pálpebras manteve os olhos imóveis, como se fossem
de ferro ou de chifre; e pelo dolo ocultou as lágrimas.
Depois de ela se ter saciado com o pranto de lágrimas copiosas,
de novo lhe dirigiu a palavra em resposta ao que fora dito³⁰.*

²¹ Homero, *Iliada*: XVIII, 32-34.

²² Homero, *Iliada*: 234-235.

²³ Homero, *Iliada*: 315, 323.

²⁴ Homero, *Iliada*: 340.

²⁵ Homero, *Iliada*: 354-355.

²⁶ Homero, *Iliada*: IX, 13-16.

²⁷ UREÑA PRIETO, 1994; SCARCELLA, 1958: 799-834.

²⁸ Homero, *Odisseia*: XXIII, 207.

²⁹ Homero, *Odisseia*: 231-232.

³⁰ HOMERO, 2005: 313; Homero, *Odisseia*: XIX, 204-214.

A bela metáfora orográfica das lágrimas escorrendo na face de Penélope acentua a nobreza de carácter, exatamente o oposto da «mulher» descrita por Aristóteles. Na *Odisseia*, não é apenas com Ulisses ou Penélope que as lágrimas jorram³¹. Em muitas outras personagens e situações tornam-se a forma dramática de manifestar a intensidade das emoções, como acontece nestes mesmos versos em que as lágrimas expressam elas mesmas um estado emocional intenso, apaziguando quem chora, ou são refreadas por quem não se quer denunciar. As lágrimas saciam a dor de Penélope, têm um efeito catártico, como outras formas de exteriorização de emoções também o fazem na tragédia³². As emoções (paixões ou afeções da alma, na terminologia latina antiga e medieval), que Aristóteles define como «as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer»³³, são propriamente o que está em causa na descrição dos traços distintivos de carácter entre homens e mulheres, macho e fêmea, e que, sem perder tempo com argumentos ou evidências, são o que parece ter levado Aristóteles a dizer que a mulher «mais facilmente é movida às lágrimas».

2. ANTIGOS TARDIOS E OUTROS MEDIEVAIS

O alívio ou satisfação proporcionado pelas lágrimas é um aspeto paradoxal que suscita permanente perplexidade também aos pensadores mais intimistas e reflexivos.

Agostinho de Hipona (354-430), nas *Confissões*³⁴, esse «grande livro das lágrimas», como lhe chamou Jacques Derrida³⁵, lamentar-se-ia do gosto que em Cartago tinha pelos espetáculos teatrais, onde se sofre com coisas tristes e trágicas que ninguém quer sofrer em si próprio³⁶. E de tal modo amava a desgraça alheia representada nos teatros, que ela tanto mais lhe agradava quanto mais o ator lhe fazia «correr lágrimas»³⁷. O prazer dessas lágrimas vem do mundo representado com intensidade, de um fingimento cénico que suscita uma falsa compaixão. Nesses tempos que confessa como dissolutos, Agostinho vive um súbito interesse pela filosofia que em seguida o levará ao maniqueísmo, de que será resgatado pelo choro da mãe, divinamente inspirado³⁸. Como conta, após 9 anos «naquele lodaçal do abismo e nas trevas da

³¹ Cf. ARNOULD, 1986: 267-274; sobre as lágrimas na *Odisseia*, cf. GAVRYLENKO, 2012: 492-493; MONSACRÉ, 2018.

³² Cf. Aristóteles, *Poética*: 1449b24-28; cf. BAUMGARTEN, 2009: 101.

³³ Aristóteles, *Retórica*: 1378a19-2; ARISTÓTELES, 2006: 160.

³⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (todas as citações que se seguem provêm ou remetem para esta edição). GRIFFITHS, 2011: 19-28 propõe uma leitura geral das lágrimas e do choro nas *Confissões*, como uma forma de comunicação da intimidade apropriada à condição humana e, por isso, também para estabelecer íntima relação com Deus; PAFFENROTH, 1997: 141-154.

³⁵ DERRIDA, 1990: 123; 1993: 122, citado por CAPUTO, 1997: 325. Veja-se a continuação da discussão em torno do tripló tema Derrida (também ele «filho das lágrimas»), desconstrução e lágrimas, em OLTHUIS, ed., 2002, e em particular o texto de SMITH, 2002: 50-61.

³⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, ii.2): 84.

³⁷ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, ii.4): 86-87.

³⁸ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, xi.19): 113.

falsidade»³⁹, é em lágrimas que a mãe⁴⁰ assiste ao teatro decadente em que Agostinho se vê ator. Conta Agostinho que Mónica procura um bispo experimentado na leitura das *Escrituras*, que também passara pelo maniqueísmo, para que falasse com o filho para o afastar dessa crença, e é ele a predizer que Agostinho, pela leitura, descobriria os seus erros. Mas para Mónica não é suficiente:

Tendo ele dito estas coisas e não querendo ela [Mónica] aquiescer, mas insistindo, pedindo mais e chorando abundantemente, para que ele me visse e disputasse comigo, ele, já irritado e farto, disse: «Vai-te embora; assim vivas tu! Não pode ser possível que se perca o filho destas lágrimas (filius istarum lacrimarum)»⁴¹.

As lágrimas de Agostinho são bem diferentes destas de Mónica. As de Agostinho estão no registo dramático e catártico de um sofrimento artificial suscitado pela falsa compaixão. As de Mónica são um elo não desprezado por Deus⁴², maternalmente motivadas⁴³, para exteriorizar o sofrimento pelo desvario do filho, não se satisfazendo em si mesmas, mas na compaixão que suscitam. É a resposta do bispo que a consola, pois, como conclui Agostinho, Mónica muitas vezes lhe contou «que tinha recebido esta resposta como se fosse vinda do céu»⁴⁴.

Agostinho, o *filho das lágrimas*, narra como ele mesmo, ainda nessa etapa de Cartago e em prelúdio à conversão, iria experienciar a perda dramática e convulsiva de um amigo recente, mas muito querido. Nessa época de solilóquios desorientados pelo que não conhecia («Eu próprio me tornara para mim uma questão magna e perguntava à minha alma porque estava triste e porque se perturbava tanto dentro de mim e ela nada sabia responder»)⁴⁵, a morte do amigo é a mais dura experiência para a qual Agostinho encontra consolo físico no choro: «*Só as lágrimas me eram doces e substituíram o meu amigo nas delícias da minha alma*»⁴⁶.

Encerra-se aqui uma citação muda do *Salmo* 138, 11 e de *Provérbios* 29, 17, recurso que Agostinho domina com maestria, colhendo inspiração em passagens bíblicas que explicam e valorizam também as lágrimas⁴⁷. Esta dupla citação leva Agostinho a uma reflexão sobre as lágrimas e o choro. Mas esse é um mistério

³⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, xi.20): 115.

⁴⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, xi.19): 116.

⁴¹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, xii.21): 117.

⁴² «Ela via a minha morte na fé e no espírito que eu recebera de ti, e tu ouviste-a, Senhor, ouviste-a e não desprezaste as suas lágrimas, quando irrigavam profundamente a terra de baixo dos seus olhos em todo o lugar da sua oração: ouviste-a»; AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: III, xi.19): 113.

⁴³ Ver também AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, iv.7): 130.

⁴⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, iv.7): 130.

⁴⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, iv.9): 133.

⁴⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, iv.9): 133.

⁴⁷ Sobre as lágrimas na *Escritura*, cf. a secção 2 do artigo de Pierre Adnès in ADNÈS, 1932-1995: vol. IX, coll. 287-303: 289-290; NAGY, 1994: 37-49.

sobre o qual interpela Deus diretamente: «porque é que chorar é consolador para os infelizes?»⁴⁸. Um mistério que nem outras perguntas desvanecem, mas, sem a resposta que Agostinho confessa não saber encontrar, acentua a demência da perda do amigo que, diz numa metáfora paradoxal (uma vez que para Agostinho a alma não é corporal), «trazia a minha alma despedaçada e ensanguentada»⁴⁹.

Em nada essa dor encontra repouso, nem no vasto mundo, nos prazeres ou no saber, porque tudo se tornara horrível, insuportável e odioso. Agostinho acentua com todos os qualificativos esse desespero maior, que «só nos gemidos e lágrimas encontrava um pouco de repouso (*gemitum et lacrimas, nam in eis solis aliquantula requies*)»⁵⁰.

Antes da grande descoberta de Deus, Agostinho confessa que a dor da perda do amigo tem um outro consolo exterior, ténue embora, que é o convívio dos amigos, porque não passava de «uma enorme fábula e uma longa mentira»⁵¹. Este consolo exterior e o consolo privado (o choro e as lágrimas) são ainda pouco para o absoluto que Agostinho busca, porque não explicam nem aplacam o sofrimento pela morte do amigo.

Nestas páginas intensas em que Agostinho se apresenta na primeira pessoa, esta é, portanto, uma terceira experiência das lágrimas: consolo de um sofrimento interior que atenua, mas não extingue a própria dor da perda do amigo e que, só mais tarde o descobrirá, encontra apenas satisfação na plena conversão ao Deus revelado, onde encontrará resposta e quietação para as suas angústias e sofrimento.

Nenhum destes modos das lágrimas é tão enigmático como a experiência da repressão das lágrimas aquando da morte da mãe⁵² e que tem intrigado os intérpretes⁵³. Perante o agravamento do estado de saúde da mãe, Agostinho emudece e reprime o choro (*ego silebam et fletum frenebam*)⁵⁴. A morte e as exéquias da mãe desencadeiam a contenção extrema e a repressão radical das lágrimas, que Agostinho confessa com má consciência ter chorado não mais que uma escassa parte de uma hora⁵⁵.

*Fechava-lhe os olhos [a Mónica] e afluía ao meu coração uma imensa tristeza e ia derramar-se em lágrimas e ao mesmo tempo os meus olhos, por violenta ordem do meu espírito (mei uiolento animo imperio), reabsorviam a sua fonte até a secar, e em tal luta eu sofria muito*⁵⁶.

⁴⁸ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, v.10): 133.

⁴⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, vii.12): 137.

⁵⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, vii.12): 137.

⁵¹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IV, viii.13): 139.

⁵² AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xi.27-xiii.37): 419-433.

⁵³ PAFFENROTH, 1997: 141-154; OPPEL, 2004: 210-215.

⁵⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xi.27): 419.

⁵⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xii.33): 427.

⁵⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xii.29): 421.

A descrição de Agostinho revela também uma explicação naturalista das lágrimas que vale a pena sublinhar, pois subentende elementos fisiológicos e psicológicos que acentuam o sofrimento da experiência de repressão das lágrimas como uma vitória do querer sobre a inclinação do corpo, que causa sofrimento. Derramar lágrimas alivia. Reprimir as lágrimas, com o espírito a sobrepor-se ao corpo impedindo as lágrimas de fluir, causa sofrimento. No luto de Agostinho é o sofrimento que prevalece, pela repressão das lágrimas.

Até mesmo o pequeno filho de Agostinho é reprimido para não chorar e a essa ordem cala-se. A mesma experiência infantil do choro que Agostinho descreve em si: «um não sei quê de infantil que havia em mim, que me fazia cair nas lágrimas, era reprimido pela voz adulta do coração e calava-se»⁵⁷.

Todos reprimem o choro e as lágrimas, mas porquê? A postura de Agostinho parece provir da lição dos estoicos, treinados na impassibilidade das paixões. Mas vemos que Agostinho fervilha de sentimento, ele de facto sofre, ele de facto quer chorar, ele tem mesmo lágrimas. Eis que a razão e o coração se sobrepõem a essa fraqueza infantil que é chorar. E para quê tanto esforço? A explicação parece trivial, um simples jogo de conveniências sociais. Esse funeral não pode ser celebrado com «lamentos chorosos e gemidos», isso é coisa de mortes infelizes e definitivas. E Mónica «não morria em infelicidade, nem morria totalmente»⁵⁸, por isso não pode haver lágrimas, não fiquem os circunstantes a pensar que a morte de Mónica é como a de qualquer outra mulher. A religiosa e piedosa Mónica não morria, apenas a sua alma eterna se separava do corpo mortal⁵⁹. O enigma de Agostinho emerge com contundência, é na morte da pessoa que lhe é mais próxima que Agostinho se priva do calor das lágrimas com que abundantemente tinha sofrido a morte de um recente amigo.

Agostinho acrescenta esta sua experiência autorrepressiva à diversa fenomenologia das lágrimas. Sempre ligadas a emoções, mas vividas de modos tão diversos e com reflexões intensas que vão revelando o seu problema, o problema em que se tornara para si mesmo.

As páginas de Agostinho exercerão uma vívida influência nos pensadores medievais⁶⁰, que nelas colhem ideias ou expressão de autoridade para os mais diversos argumentos e discussões, também sobre choro e lágrimas. Os autores da patrística são eles mesmos importantes fontes na integração socioantropológica, eclesiológica e teológica do dom e poder das lágrimas na cultura medieval⁶¹.

⁵⁷ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xii.29): 423.

⁵⁸ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xii.29): 423.

⁵⁹ AGOSTINHO DE HIPONA, 2001 (*Confissões*: IX, xi.28): 421.

⁶⁰ Nos pensadores medievais e também nas épocas posteriores, até à atualidade e em múltiplos outros domínios, cf. POLLMANN, *ed.*, 2013.

⁶¹ NAGY, 2000 mostra como as lágrimas, sobretudo uma expressão de tristeza e de sofrimento, evolui desde a patrística, passando a manifestação de um carisma a sinal de felicidade, exercício espiritual e ascético. Mais do que Agostinho,

Quando se interroga se a dor ou a tristeza é mitigada pelo choro (*fletus*), Tomás de Aquino (1225-1274) sustenta a sua resposta positiva justamente na frase em que Agostinho confessa que a morte do amigo apenas encontrava algum consolo nos gemidos e no choro. Daí conclui Tomás que

por natureza as lágrimas e os gemidos mitigam a tristeza (lacrimae et gemitus naturaliter mitigant tristitiam) por duas razões. Primeira porque tudo o que é nocivo reprimido no interior aflige mais, porque aumenta a intenção da alma sobre si mesma, mas quando se expande para o exterior a intenção da alma de certo modo dispersa-se e assim a dor interior é diminuída. E, por isso, quando os homens estão entristecidos e manifestam a sua tristeza para o exterior, quer pelo choro, quer pelo gemido ou mesmo por palavras, a dor é mitigada. A segunda porque a atividade conveniente ao homem segundo a situação em que se encontra é para ele delectável. Ora, o choro e os gemidos são certas atividades convenientes a quem está triste ou dorido e, por isso, são para ele delectáveis. Como todo o prazer mitiga de certo modo a tristeza ou a dor, como foi dito, segue-se que a tristeza é mitigada pelo choro e pelos gemidos⁶².

Reparemos desde já na concisão técnica da linguagem de Tomás sobre as lágrimas: são «por natureza» e «mitigam». Como Tomás gosta de dizer seguindo a teleologia aristotélica, a natureza não é ociosa, por isso, se algo ocorre é porque tem as suas próprias causas e entre elas a de finalidade. O que naquela passagem está a ser discutido é a natureza de uma afeção ou paixão da alma (uma emoção): a tristeza. Enquanto afeção, a tristeza é um fenómeno natural que deve ser explicado pelas suas causas e finalidade. É essa justamente a argumentação de Tomás, que encontra duas razões pelas quais se deve concluir que o gemido e as lágrimas mitigam a tristeza, que havia sido definida como «uma dor causada pela apreensão interior», tal como a alegria é uma espécie de prazer causado por apreensão interior⁶³.

Esses dois argumentos de Tomás para defender que as lágrimas aliviam a tristeza devem ser entendidos dentro da teoria das quatro causas (ou princípios explicativos) naturais de Aristóteles e as conceções implícitas provenientes da fisiologia médica dos humores: (1.º) a tristeza é um sentimento interior e, quando este se fecha em si

são os autores patrísticos, como Gregório Magno, que acentuarão o papel das lágrimas na perfeição ascética, um movimento que encontra grande expressão na vida eremítica da Península Itálica do século XI, sobretudo em Pedro Damiano. Monges do século XII com forte ascendente místico têm um particular relevo nas tendências contrastantes para a valorização espiritual ou o esquecimento das lágrimas, entre eles os cistercienses Bernardo de Claraval, Guilherme de S. Teodorico e Aelredo de Rievaulx, que valorizam o dom das lágrimas, ou os vitorinos Hugo e Ricardo de S. Vitor, que tendem a um esquecimento ou atenuação da valia das lágrimas, esquecimento que se acentuará na abordagem mais científica ou naturalista dos escolásticos universitários dos séculos seguintes.

⁶² TOMÁS DE AQUINO, 2003 (*Suma de Teologia*: I^o II^{ae}, q. 38, art. 2, sol.): 458-459.

⁶³ TOMÁS DE AQUINO, 2003 (*Suma de Teologia*: I^o II^{ae}, q. 35, art. 2, sol.): 427.

mesmo, intensifica-se e é mais aflitivo, mas, quando se exterioriza, dispersa-se e a dor interior diminui; é por isso que «quando os homens tristes manifestam exteriormente a sua tristeza pelo gemido e o choro, a tristeza diminui»; (2.º) por uma razão de simetria natural, em que a algo nocivo se contrapõe algo agradável ou conveniente ao homem, «o choro e os gemidos são algo agradável a quem está triste ou dorido» e, por isso, são para ele um deleite, porque «todo o prazer mitiga de certo modo a tristeza ou a dor»⁶⁴.

Para entender como opera, Tomás explica que, como estas lágrimas são causadas pela tristeza, esta, por sua vez, é aliviada pelo seu efeito⁶⁵.

Tenhamos presente que esta é uma discussão circunstancial sobre a tristeza e, por isso, não devemos concluir que para Tomás a única razão de ser das lágrimas ou do choro é a mitigação da tristeza ou da dor. Podem ser muitas outras as causas ou o fim do choro. Esta passagem é significativa por uma outra razão: ela testemunha a discussão medieval⁶⁶ do choro no âmbito das teorias das paixões da alma (neste caso da tristeza) e do choro e das lágrimas como um mecanismo natural de refreamento da intensidade dessa paixão e é nesse sentido que podem ser um alívio de uma afeição interior ou mesmo um prazer, na medida em que reduzem o que é desagradável ou nocivo. Este enquadramento para o choro e as lágrimas, na teoria das paixões e em explicação fisiológica, é preparado longamente, desde a antiguidade helénica e a patrística grega.

Encontramos em Tomás de Aquino outros exemplos da consideração das lágrimas no âmbito das paixões da alma e para explicar sentimentos opostos, como quando discute na mesma obra «se a alegria é efeito da devoção»⁶⁷. O terceiro argumento negativo cita o *De homine* de Gregório de Nissa, uma obra de 379⁶⁸, onde se lê: «tal como o riso vem do gozo, assim as lágrimas e os gemidos são sinais (*signa*) de tristeza», de onde haveria de concluir que, por alguns prorromperem em lágrimas por devoção, a alegria e o gozo não são efeitos da devoção, da qual viriam então a tristeza e as lágrimas. Como Tomás defende que de facto a alegria é um efeito da devoção, precisa de explicar a autoridade de Gregório, onde as lágrimas e a alegria aparecem como opostos. E a explicação recorre a uma outra vivência de lágrimas, que não provêm apenas da tristeza, mas podem provir também da ternura (*affectus teneritudine*). É o caso do homem que recupera os filhos ou os amigos queridos que

⁶⁴ Cf. excerto transcrito.

⁶⁵ Cf. Excerto transcrito, *ad primum*.

⁶⁶ Para o choro e as lágrimas na Idade Média, em particular na arte e na literatura, ver GERTSMAN, *ed.*, 2012 (com extensa bibliografia final de fontes e estudos).

⁶⁷ TOMÁS DE AQUINO, 2005 (*Suma de Teologia*: IIª IIªe, q. 82, art. 4): 301-302.

⁶⁸ *De opificio hominis*, in *Patrologia Grega*, vol. 46, col. 880C; sobre as lágrimas e o riso, cap. XII. A obra foi traduzida duas vezes para latim, logo no século VI por Dionísio Exíguo, cf. *PL*, vol. 67, *De creatione hominis liber*, coll. 347-408, cf. coll. 361-364; e por João Escoto Eriúgena no século IX, cf. CAPPUYNS, 1965: 221-225. A primeira é a mais difundida das duas traduções.

julgava perdidos e lacrimeja por afeto de piedade (*sicut solent homines lacrimari ex pietatis affectu*). É deste modo que as lágrimas provêm da devoção, havendo nela uma evidente alegria, que também causa lágrimas.

A ocorrência das lágrimas é explicada por um mecanismo fisiológico, compreendido pelo menos desde Galeno e acolhido também por textos patrísticos, como o *De natura hominis* de Nemésio de Emesa escrito cerca de 400 e traduzido para latim no século XII por Burgundio de Pisa e de facto atribuído também a Gregório de Nissa. Nessa obra, a discussão sobre a parte da alma que não obedece à razão inclui a discussão da função nutritiva, explicada por quatro potências: atração, retenção, alteração, evacuação. A função nutritiva atrai a cada parte do corpo o que lhe é semelhante, retendo-o e alterando-o para assim crescer. O que é supérfluo é evacuado pelo ventre, pela urina, pelo vômito, pela expiração, pelos poros ocultos. E acrescenta outras formas de evacuação do supérfluo: a cera que é a impureza dos ouvidos, e diz laconicamente: «per oculos autem lacrimae et lippitudo (pelos olhos também as lágrimas e a remela)»⁶⁹. Em nenhum dos casos se trata de fluidos humorais, mas do supérfluo da digestão que as glândulas ou o corpo evacua. Este sumário oferecido por Nemésio retoma a teoria de Galeno, em particular no *Acerca das faculdades naturais*⁷⁰.

3. MODERNOS

Os filósofos e teólogos recorrem a teorias médicas e fisiológicas como esta para explicar a natureza das lágrimas, mas o seu interesse centra-se sobretudo na compreensão de emoções ou de comportamentos que lhe são concomitantes, ficando sempre mais ou menos indecído se são uma causa ou uma consequência de emoções como a tristeza e a alegria. Para os aristotélicos a finalidade das lágrimas, a sua razão de existir, é uma parte importante da explicação, como vimos em Tomás, para quem as lágrimas constituem um alívio do que as causa: a dor, a tristeza, mas também crescem as emoções positivas como a alegria ou a devoção.

As lágrimas constituem uma secreção fisiológica que resulta de emoções, ou as causa.

Descartes (1596-1650) considera brevemente as lágrimas no tratado *As paixões da alma*, a sua última obra (publicada em 1649), onde confessa que nesse tratado assume preferentemente a posição de médico: «mon dessein n'a pas esté d'expliquer les Passions en Orateur, ny mesme en Philosophe moral, mais seulement en Physicien»⁷¹.

⁶⁹ NÊMÉSIO D'ÉMÊSE, 1975: 105; NEMESIUS, 2008: 146.

⁷⁰ Cf. notas da trad. de Philip van der Eijk e R.W. Sharples (NEMESIUS, 2008), que, contudo, para a referência às lágrimas não apresenta qualquer nota.

⁷¹ DESCARTES, 1909: 326. O *Avertissement* e as cartas que servem de prefácio à obra não foram traduzidas na tradução aqui utilizada: DESCARTES, 1978. Sobre o sentido de *physicien*, poderia pensar-se que Descartes tem em mente «aquele que comenta as obras de filosofia natural de Aristóteles», sobretudo a *Física*, mas o sentido de *physicien* como *médecin*

As emoções⁷² têm uma explicação médico-fisiológica, sendo compreendidas pelos mecanismos orgânicos que as causam e pelas suas manifestações e desenvolvimento. Também as lágrimas, manifestação orgânica concomitante a certas emoções, têm uma explicação fisiológica: formam-se pela condensação dos vapores canalizados pelos nervos óticos e pelas artérias que convergem nos olhos e se convertem em água à superfície⁷³. Descartes nota apenas duas causas, ambas totalmente fisiológicas, da conversão dos vapores em água nos olhos: a primeira é a alteração da forma dos poros por onde passam os vapores, que ao retardá-los os transforma em água, como quando algum argueiro toca no olho provoca dor e altera a disposição dos poros e em vez de os vapores fluírem são retardados e assim se transformam em água⁷⁴:

Et je ne puis remarquer que deux causes, qui font que les vapeurs qui sortent des yeux se changent en larmes. La premiere est quand la figure des pores par où elles passent est changée, par quelque accident que ce puisse estre : car cela retardant le mouvement de ces vapeurs, & changeant leur ordre, peut faire qu'elles se convertissent en eau⁷⁵.

A segunda causa é a tristeza, seguida de amor, ou de alegria:

L'autre cause est la Tristesse, suivie d'Amour, ou de joye, ou generalement de quelque cause qui fait que le cœur pousse beaucoup de sang par les arteres. La Tristesse y est requise, à cause que, refroidissant tout le sang, elle étrecit les pores des yeux⁷⁶.

Para Descartes a tristeza resfria o sangue e isso contrai os poros dos olhos e, à medida que os contrai, se os vapores aumentam por qualquer outra causa, como quando o sangue é enviado do coração em grande fluxo na paixão de tristeza, amor ou alegria, formam-se lágrimas⁷⁷. Também os gemidos, que por vezes acompanham

(médico) é abundantemente atestado em francês antigo e é assim mesmo que também Paul Ricoeur entende o ponto de vista de Descartes nesta passagem: «Descartes commence en physicien, mais à mesure qu'il dénombre les passions, il glisse progressivement d'une explication par l'automate à une appréciation morale où il apparaît que nous nous donnons nos passions autant que nous les subissons»; RICOEUR, 1949: 262. Esse mesmo sentido é também atestado no português antigo, de que é testemunho contemporâneo a deliciosa novela de Jorge de Sena, *O físico prodigioso*, de 1966, inspirada em dois capítulos do *Orto do Esposo* (III.1 e IV.11), obra em português antigo dos séculos XIV-XV.

⁷² Cf. NEUBERG, 1990: 479-508.

⁷³ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 128): 422-423.

⁷⁴ O argumento de Descartes é predominantemente fisiológico e «mecânico».

⁷⁵ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 130): 424.

⁷⁶ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 131): 425.

⁷⁷ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 131): 425.

as lágrimas, têm uma explicação mecânica⁷⁸ e mesmo a explicação da razão pela qual choram com mais facilidade os velhos e as crianças⁷⁹ se prende mais com o funcionamento dos órgãos que com a intensidade das paixões como a alegria ou a tristeza, que «enviam muito sangue ao coração e deste muitos vapores aos olhos» que provocam as lágrimas. Note-se de passagem que Descartes não inclui as mulheres entre os que choram com mais facilidade, apenas os velhos e crianças.

É o mesmo mecanismo cardiocêntrico e de circulação de humidade nos canais oculares que explica a maior propensão da piedade a suscitar intensa circulação sanguínea, ocorrendo a conseqüente evacuação de vapores, que a fria tristeza retarda transformando em lágrimas:

Au reste, on pleure fort aysement en cette Passion [pitié], à cause que l'Amour, envoyant beaucoup de sang vers le cœur, fait qu'il sort beaucoup de vapeurs par les yeux; & que la froideur de la Tristesse, retardant l'agitation de ces vapeurs, fait qu'elles se changent en larmes⁸⁰.

Uma certa disposição das qualidades naturais (quente frio, húmido seco) e o sistema circulatório e de vasos oftálmicos são indispensáveis para que as emoções (neste caso a piedade e a tristeza) possam causar efeitos orgânicos (neste caso as lágrimas) que apaziguam ou tornam prazenteira a própria emoção que os suscita.

Afirmando que escreve «como se tratasse dum assunto nunca abordado antes de mim»⁸¹, Descartes afasta-se das doutrinas dos antigos sobre as paixões talvez menos do que pensa e, no que respeita às suas causas ou manifestações corporais, procura explicações puramente fisiológicas e mecanicistas, mesmo se não consegue evitar totalmente a circularidade explicativa de o funcionamento orgânico causar as paixões, que causam um dado funcionamento orgânico que as causa ou as manifesta. As paixões são causadas pela circulação dos espíritos vitais, sendo o riso e as lágrimas efeitos consecutivos da alegria e da tristeza (duas das seis paixões fundamentais)⁸² e a sua fisiologia deixa também antever o quanto a razão pode efetivamente controlar as afeções da alma, que é a doutrina geral que Descartes visa em primeiro lugar. As paixões têm como principal efeito «incitarem e disporem a sua alma a querer as coisas, preparando para isso o seu corpo»⁸³, por isso é indispensável a sabedoria, que

⁷⁸ «Et alors les poulmons sont aussi quelquefois enflés tout à coup par l'abondance du sang qui entre dedans, & qui en chasse l'air qu'ils contenoient, lequel sortant par le sifflet engendre les gemissemens & les cris, qui ont coutume d'accompagner les larmes»; DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 131): 425-426.

⁷⁹ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 133): 426-427.

⁸⁰ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 189): 471.

⁸¹ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 1): 328 (trad. DESCARTES, 1978: 65).

⁸² São elas: estupor, amor e ódio, apetição, alegria e tristeza.

⁸³ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 40): 359 (trad. DESCARTES, 1978: 88).

ensina a utilizá-las com habilidade e a mesmo dos males retirar uma certa alegria⁸⁴. Com uma explicação predominantemente médico-fisiológica, Descartes representa uma alteração sensível na compreensão das emoções, onde momentaneamente as lágrimas também fazem a sua aparição.

Aquele que parece ser o primeiro tratado integralmente dedicado às lágrimas é publicado poucos anos após o tratado sobre *As paixões da alma* de Descartes. O francês Pierre Petit (Petrus Petitus, 1617-1687) publica o *De lacrymis libri tres* em 1661⁸⁵, uma obra onde repassa a importância das lágrimas na tradição literária grega e latina, nas *Escrituras*, na patrística e na filosofia natural de inspiração aristotélica. Embora a intenção seja claramente naturalística, esta breve obra propõe-se fazer uma leitura das lágrimas como experiência total, combinando os diferentes campos literários e disciplinares onde, até aí, eram discutidas. No mesmo ano o dinamarquês Niels Stensen (Nicolaus Stenonius, 1638-1686) defende na Universidade de Leiden a sua tese sobre a anatomia das glândulas da face onde não discute as lágrimas⁸⁶, mas em dezembro do mesmo ano publica o breve tratado *De glandulis oculorum, novisque earundem vasis observationes anatomicae, quibus veri lacrymarum fontes deteguntur*, que reeditará na sua obra sobre anatomia do ano seguinte⁸⁷. Neste caso a observação baseia-se na dissecação animal, concluindo que: «Existimo itaque lacrymas nihil esse nisi humorem qui oculo irrigando destinatus est»⁸⁸, assim transferindo a explicação das lágrimas do domínio literário da psicologia das emoções para o domínio predominantemente fisiológico e anatómico (que, como vimos, não estava totalmente ausente da literatura médica antiga, assim como aparece fugazmente em tratadistas médicos medievais)⁸⁹. A irrigação do olho é-lhe indispensável para o seu bom funcionamento e essa é a principal razão de ser da secreção lacrimal, que em casos de maior abundância secretiva produz lágrimas. A lágrima não é senão um excesso de produção glandular. E as causas do excesso podem ser múltiplas, desde as naturais às emocionais.

A naturalização da explicação das lágrimas não impede que continuem a ser discutidas como elemento comportamental definidor do humano, ou pelo menos de certos aspetos caracterizadores do humano. No curso de Antropologia que ensinou durante 25 anos em Königsberg antes de o passar a escrito⁹⁰, Immanuel Kant (1724-1804) defende que o riso e o choro estão entre os mecanismos da natureza

⁸⁴ DESCARTES, 1909 (*Les passions de l'âme*: art. 212 e último): 488.

⁸⁵ Sobre as obras de Petit e as de Stenonius referidas a seguir, cf. KING, 2012: 1-24, 6-7.

⁸⁶ STENONIUS, 1661.

⁸⁷ STENSEN, 1662: 79-114.

⁸⁸ STENSEN, 1662: 92.

⁸⁹ Como exemplo vejam-se as ocorrências esporádicas em Petrus Hispanus nos textos reunidos sob o título *De oculo* e publicados por BERGER, 1899.

⁹⁰ KANT, 1991 [1935], 2008 [1964], 1974, 2006.

para promover ou restabelecer o bem-estar e a saúde⁹¹. Duas passagens ilustram as distinções estabelecidas por Kant e como as lágrimas, sempre associadas ao choro, têm uma explicação meramente funcional e ainda teleológica. Existem na natureza com uma função natural mecânica (isto é, sem qualquer intervenção motivada e voluntária), não apenas como expressão de emoção, são um sistema homeostático (o termo não é de Kant) para restabelecer um equilíbrio orgânico que tenha sido perturbado. O § 79 é justamente intitulado «Das emoções com que a natureza fomenta mecanicamente a saúde»:

Há algumas afecções pelas quais a natureza fomenta a saúde de um modo mecânico, nas quais se incluem, em particular, o riso e o choro. [...] Chorar, ou o aspirar que ocorre com os soluços (convulsivos), quando é combinado com uma explosão de lágrimas, é também, como um remédio calmante, uma provisão de natureza para a saúde; e uma viúva que, como se diz, se recusa a permitir-se ser consolada — ou seja, que não quer que o fluxo de lágrimas seja interrompido — está cuidando de sua saúde sem o saber ou querer realmente. A ira, que pode surgir nesta situação, interromperia logo a torrente de lágrimas, mas em seu prejuízo; apesar disso não só a tristeza, mas também a ira pode levar as mulheres e as crianças às lágrimas⁹².

No seu simples desenrolar natural, os efeitos físicos (chorar, lágrimas) das emoções fazem a higiene do corpo, restabelecendo naturalmente os seus equilíbrios. Os efeitos físicos das emoções providenciam bem-estar do corpo e também do espírito: são «um remédio calmante», que o corpo segrega para a sua própria saúde.

Mas o que faz uma viúva nesta explicação? Porque é que Kant prefere uma viúva a um viúvo? Os viúvos não podem também recusar-se a ser consolados? Para Kant, o choro e as lágrimas parecem ser coisa de mulheres e de crianças, como logo a seguir também deixa claro, ao apontá-los como possível efeito da ira e da tristeza, como se os homens tristes ou irados não vertessem também a sua lágrima.

O fluxo que Kant quer sublinhar é mecânico, portanto, involuntário. Essa é a razão pela qual a mulher e a criança são melhores exemplos. A viúva não quer ser consolada e por isso o fluxo de lágrimas não é interrompido. Sem ela o saber, sem ela o querer, o seu corpo consegue manter a sua saúde. Para Kant, portanto, as crianças e as mulheres são quem mais precisa que a natureza os auxilie desta forma mecânica. Para Kant estes recursos da natureza estão desigualmente distribuídos entre os gêneros:

⁹¹ TUPPINI, 2012: 147-175.

⁹² KANT, 1991 [1935]: 198-200; 2008 [1964]: 203-204; 1974: 129-130; 2006: 161-162.

rir e chorar serenam; pois eles são um libertar-se da força vital mediante efusões (é sabido que podemos rir até ao choro, se se ri até à exaustão). O riso é masculino; o choro, por outro lado, é feminino (nos homens é efeminado). E unicamente o esforço de choro, e isto apenas por magnânima mas impotente participação no padecer alheio, pode perdoar-se ao homem, em cujos olhos brilharão lágrimas, sem deixá-las cair em gotas e ainda menos acompanhá-las com soluços e fazer uma música repugnante⁹³.

A Kant parece imperdoável que um homem se permita mais que um leve humedecer dos olhos por compaixão do padecimento alheio, nunca que as lágrimas corram e ainda menos que rebente nessa «música repugnante» dos soluços. Isso apenas é desculpável como astúcia mecânica da natureza para viúvas inconsoláveis.

Kant retoma à sua maneira a antiga distribuição sexualizada das lágrimas, aflorada em Aristóteles, acentuando que não é próprio da natureza dos varões chorar. Esta construção social da repugnância pelos soluços e pelas lágrimas na face de um homem estabelece uma diferença com a naturalidade do choro e das lágrimas na mulher e na criança enquanto invenções da natureza para lhes restabelecer a saúde interior, se não mesmo a subsistência física⁹⁴.

Reencontramos como em Kant as lágrimas, entendidas como mero efeito mecânico da natureza (seguindo aí Descartes e os médicos modernos), instituem uma diferenciação social e comportamental entre homem e mulher. As lágrimas encontrarão novas expressões em filósofos como Søren Kierkegaard⁹⁵ e Emil Cioran⁹⁶, ou outros intérpretes nas novas ciências do comportamento da segunda metade do século XIX, de que são exemplo a etologia de Charles Darwin⁹⁷ ou a psicologia de William James⁹⁸. Objeto de estudo em ciências naturais, as lágrimas ganharam em

⁹³ KANT, 1991 [1935]: 190; 2008 [1964]: 199; 1974: 123; 2006: 154. Sobre choro e riso cf. atrás, pp. 10-11.

⁹⁴ Para uma discussão da posição de Kant sobre as mulheres e as lágrimas, sendo estas sobretudo entendidas como expressão de impotência perante qualquer problema ou dificuldade práticas que não consigam enfrentar, e que, por isso, se encontram com a liberdade reduzida, que o choro e as lágrimas assinalam como que apelando a uma ajuda exterior, como também acontece por instinto e natureza com o choro do recém-nascido e as lágrimas das crianças, ver TUPPINI, 2012.

⁹⁵ LINNET, 2003: 406-426.

⁹⁶ CIORAN, 1986, uma obra de juventude (de 1937, reelaborada para esta tradução), aforística e inspirada em *Para lá de bem e mal*, de Nietzsche, e na leitura de vidas de santos, também mulheres e místicas, em busca da compreensão da origem das lágrimas.

⁹⁷ DARWIN, 1872: cap. 6, cuja última secção é sobre a «Cause of the secretion of tears», que termina: «Although in accordance with this view we must look at weeping as an incidental result, as purposeless as the secretion of tears from a blow outside the eye, or as a sneeze from the retina being affected by a bright light, yet this does not present any difficulty in our understanding how the secretion of tears serves as a relief to suffering. And by as much as the weeping is more violent or hysterical, by so much will the relief be greater — on the same principle that the writhing of the whole body, the grinding of the teeth, and the uttering of piercing shrieks, all give relief under an agony of pain»; cf. também cap. 8, secção «The secretion of tears during loud laughter».

⁹⁸ JAMES, 1890: cap. 25, «The Emotions».

complexidade desmultiplicando-se as explicações neurofisiológicas⁹⁹: alívio da dor, higiene do órgão, reflexo incondicionado, manifestação excessiva de alguma emoção, desregulação neuropsicológica, somatização de hábitos socioculturais, e o que ainda mais se possa descobrir ou estudar por testes e nova instrumentação, em laboratório ou na história das culturas¹⁰⁰. E para os filósofos também ainda não está tudo dito, falta às lágrimas serem exploradas como metáfora ou, pelo menos, prolegómeno de uma erótica das ambiguidades da vida e da violência no jogo da arte¹⁰¹.

SEM CONCLUSÃO

Este breve percurso exploratório exclui a ambição de propor conclusões definitivas, seja para cada autor, seja para a história geral das lágrimas dos filósofos, sejam elas purgativas, suaves ou amargas. Também não permite classificações trans-históricas que unificariam em excesso a grande independência com que os diversos autores se ocupam de um tema tão periférico nas questões que os filósofos gostam de discutir (e ninguém parece arriscar uma reflexão sobre o ser, ou a verdade, ou o bem, ou a beleza das lágrimas). As lágrimas são a manifestação líquida de um interior vaporoso muito ou pouco reprimido, jubiloso ou envergonhado, por vezes especulativo no desejo de futuro eterno. Essas gotas, quando não conseguem ser reprimidas, exprimem os estereótipos sociais e culturais de conveniência ou inconveniência para cada gênero, idade ou estado social. Quanto ao que importa, os filósofos, talvez assustados pela sua inapreensibilidade, tendem a deixar às lágrimas um lugar subordinado e secundário, em geral como parte das teorias das paixões da alma, ou emoções, que exprimem a relação íntima ou a irredutível contradição entre exterior e interior, brutalidade e ternura, dor e prazer, decepção e júbilo.

BIBLIOGRAFIA

- ADNÈS, Pierre (1932-1995). *Larmes*. In *Dictionnaire de spiritualité*. Paris: Beauchesne, vol. IX, coll. 287-303, pp. 289-290.
- AGOSTINHO DE HIPONA (2001). *Confissões*. Trad. de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, III, xii.21.
- ALEXIOU, Margaret; CAIRNS, Douglas, eds. (2017). *Greek Laughter and Tears: Antiquity and After*. Edimburgo: Edinburgh University Press. (Edinburgh Leventis Studies; 8).
- ARISTÓTELES (2006). *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ARNOULD, D. (1986). *Τῆκεiv dans la peinture des larmes et du deuil chez Homère et les tragiques*. «Revue de philologie, de littérature et d'histoire anciennes». 60:2, 267-274.
- BAILLY, Anatole (2000). *Le grand dictionnaire Grec-Français*. Éd. revue. Paris: Hachette, pp. 427-428.

⁹⁹ VINGERHOETS, BYLSMA, ROTTENBERG, 2009: 439-475.

¹⁰⁰ VINGERHOETS, 2013, oferece uma interessantíssima síntese dos conhecimentos atuais sobre choro e lágrimas, ilustrados também pela sua presença na história da ciência, na cultura e na literatura.

¹⁰¹ BATAILLE, 1984.

- BATAILLE, Georges (1984). *As lágrimas de Eros*. Trad. de Aníbal Fernandes. Lisboa: Edições & Etc.
- BAUMGARTEN, Roland (2009). *Dangerous Tears? Platonic Provocations and Aristotelic Answers*. In FÖGEN, Thorsten, ed. *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlim: De Gruyter, pp. 85-104.
- BAYNE, Sheila P. (1981). *Tears and Weeping. An Aspect of Emotional Climate Reflected in Seventeenth-Century French Literature*. Paris: Tübingen.
- BERGER, Albrecht Maria (1899). *Die Ophthalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon, später Papst Johannes XXI.) nach Münchener, Florentiner, Pariser, Römer lateinischen Codices zum ersten Male herausgegeben, in's Deutsche übersetzt und erläutert*. Munique: Verlag von J. F. Lehmann.
- BROOMHALL, Susan (2019). *Catherine's Tears: Diplomatic Corporeality, Affective Performance, and Gender at the Sixteenth-Century French Court*. In SCOTT, Anne M.; BARBEZAT, Michael David, eds. *Fluid Bodies and Bodily Fluids in Premodern Europe: Bodies, Blood, and Tears in Literature, Theology, and Art*. Amesterdão: Arc Humanities Press, pp. 55-72.
- CAPPUYNS, M. (1965). *Le «De imagine» de Grégoire de Nysse traduit par Jean Scot Érigène*. «Recherches de théologie ancienne et médiévale». 32, 205-262.
- CAPUTO, John D. (1997). *The Prayers and Tears of Jacques Derrida. Religion without Religion*. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press.
- CAVELL, Stanley (1981). *Pursuits of Happiness: the Hollywood Comedy of Remarriage*. Cambridge: Harvard University Press.
- CAVELL, Stanley (1996). *Contesting Tears: the Hollywood Melodrama of the Unknown Woman*. Chicago: University of Chicago Press.
- CIORAN, Emil (1986). *Des larmes et des saints*. Trad. et préface de Sanda Stolojan. Paris: l'Herne.
- DARWIN, Charles (1872). *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Londres: John Murray.
- DERRIDA, Jacques (1990). *Mémoires d'aveugle: l'autobiographie et autres ruines*. Paris: Éditions de la Réunion des musées nationaux.
- DERRIDA, Jacques (1993). *Memoirs of the Blind: the Self-Portrait and Other Ruins*. Transl. Pascale-Anne Brault and Michael Naas. Chicago: University of Chicago Press.
- DESCARTES, René (1909). *Œuvres complètes*. Ed. Charles Adam et Paul Tannery. Paris: Léopold Cerf, Imprimeur-Éditeur, vol. XI.
- DESCARTES, René (1978). *Discurso do método. As paixões da alma*. Trad., pref. e notas de Newton de Macedo. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- DIXON, Thomas (2015a). *The Power of Political Tears. Are Politicians Who Cry Openly Ever Being Sincere*. «The Prospect». (22 Oct. 2015). Disponível em <<https://www.prospectmagazine.co.uk/arts-and-books/the-art-of-political-weeping>>.
- DIXON, Thomas (2015b). *Weeping Britannia: Portrait of a Nation in Tears*. Oxford: Oxford University Press.
- ELKINS, James (2004). *Pictures and Tears. A History of People Who Have Cried in Front of Paintings*. Nova Iorque; Londres: Routledge.
- FÖGEN, Thorsten, ed. (2009a). *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlim: De Gruyter.
- FÖGEN, Thorsten (2009b). *Tears and Crying in Graeco-Roman Antiquity: An Introduction*. In FÖGEN, Thorsten, ed. *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlim: De Gruyter, pp. 1-16.
- FÖLLINGER, Sabine (2009). *Tears and Crying in Archaic Greek Poetry (especially Homer)*. In FÖGEN, Thorsten, ed. *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlim: De Gruyter, pp. 17-36.
- GAVRYLENKO, Valeria (2012). *The «Body without Skin» in the Homeric Poems*. In HORSTMANSHOFF, Manfred; KING, Helen; ZITTEL, Claus, eds. *Blood, Sweat, and Tears: the Changing Concepts of Physiology from Antiquity into Early Modern Europe*. Leiden: E. J. Brill, pp. 481-502.
- GERTSMAN, Elina, ed. (2012). *Crying in the Middle Ages: Tears of History*. Nova Iorque: Routledge. (Routledge Studies in Medieval Religion and Culture; 10).

- GRIFFITHS, Paul J. (2011). *Tears and Weeping. An Augustinian View*. «Faith and Philosophy». 28:1, 19-28.
- HOMERO (2003) *Odisseia*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Ed. Cotovia.
- HOMERO (2005) *Iliada*. Trad. de Frederico Lourenço. Lisboa: Ed. Cotovia.
- HUDSON, Hugh (2019). *Elusive Tears: Lamentation and Impassivity in Fifteenth-Century Passion Iconography*. In SCOTT, Anne M.; BARBEZAT, Michael David, eds. *Fluid Bodies and Bodily Fluids in Premodern Europe: Bodies, Blood, and Tears in Literature, Theology, and Art*. Amesterdão: Arc Humanities Press, pp. 31-53.
- JAMES, William (1890). *The Principles of Psychology*. Nova Iorque: Henri Hoult.
- KANT, Immanuel (1974). *Anthropology from a Pragmatic Point of View*. Transl. Mary J. Gregor. Haia: Martinus Nijhoff.
- KANT, Immanuel (1991[1935]). *Antropología en sentido pragmático*. Trad. de José Gaos. Madrid: Alianza Ed.
- KANT, Immanuel (2006). *Anthropology from a Pragmatic Point of View*. Transl. Robert B. Loudon and Manfred Kuehn. Cambridge: Cambridge University Press.
- KANT, Immanuel (2008 [1964]). *Anthropologie d'un point de vue pragmatique*. Précédé de Michel Foucault, *Introduction à l'Anthropologie*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin.
- KAPLAN, Fred (1987). *Sacred Tears: Sentimentality in Victorian Literature*. Princeton: Princeton University Press.
- KING, Helen (2012). *Introduction*. In HORSTMANSHOFF, Manfred; KING, Helen; ZITTEL, Claus, eds. *Blood, Sweat and Tears: the Changing Concepts of Physiology from Antiquity into Early Modern Europe*. Leiden: E. J. Brill, pp. 1-24.
- KIRK, Geoffrey S.; RAVEN, John Earle; SCHOFIELD, Malcolm (2013). *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LANGE, Marjory E. (1996). *Telling Tears in the English Renaissance*. Leiden: E. J. Brill.
- LINNET, Ragni (2003). *Golden Tears: Johan Thomas Lundbye and Søren Kierkegaard*. In STEWART, Jon, ed. *Kierkegaard and his Contemporaries: the Culture of Golden Age Denmark*. Berlin; Nova Iorque: De Gruyter, pp. 406-426.
- MACKENZIE, Mary Margaret (1978). *The Tears of Chryses: Retaliation in the Iliad*. «Philosophy and Literature». 2:1, 3-22.
- MONSACRÉ, Hélène (2018). *The Tears of Achilles*. Transl. Nicholas J. Snead, introd. Richard P. Martin. Washington, DC: Center for Hellenic Studies. (Hellenic Studies Series; 75). Disponível em <<https://chs.harvard.edu/CHS/article/display/6797>>.
- NAGY, Piroška (1994). *Les larmes du Christ dans l'exégèse médiévale*. «Médiévales». 27, 37-49. Disponível em <https://www.persee.fr/doc/medi_0751-2708_1994_num_13_27_1309>.
- NAGY, Piroška (2000). *Le don des larmes au Moyen Âge*. Paris: Albin Michel.
- NEMESIUS (2008). *On the Nature of Man*. Transl. Philip van der Eijk and R. W. Sharples. Liverpool: Liverpool University Press. (Translated Texts for Historians).
- NÉMÉSIUS D'ÉMÈSE (1975). *De natura homini*. Trad. de Burgundio de Pise, édition critique avec une introduction sur l'anthropologie de Némésius, par G. Verbeke et J. R. Moncho. Leiden: E. J. Brill.
- NEUBERG, Marc (1990). *Le Traité des passions de Descartes et les théories modernes de l'émotion*. «Archives de Philosophie». 53:3, 479-508.
- OLTHUIS, James H., ed. (2002). *Religion with/out Religion. The Prayers and Tears of John D. Caputo*. Londres; Nova Iorque: Routledge.
- OPPEL, C. (2004). «*Why, my soul, are you sad?*»: Augustine's Opinion on Sadness in the City of God and an Interpretation of his Tears in the Confessions. «Augustinian Studies». 35:2, 210-215.
- PAFFENROTH, Kim (1997). *Tears of Grief and Joy: Confessions Book 9: Chronological Sequence and Structure*. «Augustinian Studies». 28, 141-154.

- POLLMANN, Karla, ed. (2013). *The Oxford Guide to the Historical Reception of Augustine*. Oxford: OUP, vol. 3.
- RICOEUR, Paul (1949). *Philosophie de la volonté. Le volontaire et l'involontaire*. Paris: Aubier.
- SCARCELLA, Anton Maria (1958). *Il pianto nella poesia di Homero*. «Rendiconti dell'Istituto Lombardo, Scienze e lettere». 92, 799-834.
- SENA, Jorge de (1983 [1966]). *O físico prodigioso*. Lisboa: Ed. 70.
- SÉNÈQUE (1970). *Dialogues*. Éd. R. Waltz. Paris: Les belles lettres.
- SMITH, James (2002). *Is Deconstruction an Augustinian Science? Augustine, Derrida, and Caputo on the Commitments of Philosophy*. In OLTHUIS, James H., ed. *Religion with/out Religion. The Prayers and Tears of John D. Caputo*. Londres; Nova Iorque: Routledge, pp. 50-61.
- STENONIUS, NICOLAUS (1661). *Disputatio anatomica de glandulis oris, & nuper observatis inde prodeuntibus vasis prima*. Leiden: Elsevier.
- STENSEN, NIELS (Nicolaus Stenonius) (1662). *De glandulis oculorum, novisque earundem vasis observationes anatomicae, quibus veri lacrymarum fontes deteguntur*. In STENSEN, Niels (Nicolaus Stenonius) (1662). *Observationes anatomicae, quibus varia oris, oculorum, & narium vasa describuntur, novique salivae, lacrymarum et mucii fontes deteguntur, et novum nobilissimi Bilsii De lymphae motu & usu commentum examinatur & reiiicitur*. Leiden: Jacobus Chouët, pp. 79-114.
- SUTER, Ann C. (2009). *Tragic Tears and Gender*. In FÖGEN, Thorsten, ed. *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlin; Nova Iorque: De Gruyter, pp. 59-84.
- TOMÁS DE AQUINO (2003). *Suma Teológica*. São Paulo: Ed. Loyola, vol. III.
- TOMÁS DE AQUINO (2005). *Suma Teológica*. São Paulo: Ed. Loyola, vol. VI.
- TUPPINI, Tommaso (2012). *Kant, Blows of Tears*. In GIORDANETTI, Piero; POZZO, Riccardo; SGARBI, Marco, eds. *Kant's Philosophy of the Unconscious*. Berlin; Nova Iorque: De Gruyter, pp. 147-175.
- UREÑA PRIETO, Maria Helena (1994). *Relendo Homero*. «Humanitas». 46: 3-16.
- VIEIRA, António (2001). *As lágrimas de Heráclito. Texto original italiano do Padre António Vieira com tradução portuguesa da época e proposição do padre Girolamo Cattaneo em apêndice*. Fixação dos textos, introd. e notas de Sonia N. Salomão. São Paulo: Editora 34.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne (1986). *Histoire des larmes*. Paris: Rivages.
- VINGERHOETS, Ad J. J. M.; BYLSMA, Lauren M.; ROTTENBERG, Jonathan (2009). *Crying: A Biopsychosocial Phenomenon*. In FÖGEN, Thorsten, ed. *Tears in the Graeco-Roman World*. Berlin: De Gruyter, pp. 439-475.
- VINGERHOETS, Ad (2013). *Why Only Humans Weep. Unravelling the Mysteries of Tears*. Oxford: Oxford University Press.
- ŽIŽEK, Slavoj (2001). *The Fright of Real Tears: Krzysztof Kiesłowski Between Theory and Post-Theory*. Londres: British Film Institute.

